



“O CLUBE DOS SUICIDAS” NO CONTEXTO DO PERÍODO VITORIANO

Antônio de Pádua Bosi*

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

antonio_bosi@hotmail.com

RESUMO: O objetivo deste artigo é discutir historicamente “O Clube dos Suicidas”, de 1878, escrito por Robert Louis Stevenson no contexto do final do período vitoriano. O livro é examinado no primeiro de seus três capítulos e analisado como documento histórico e uma intervenção literária de Stevenson sobre seu tempo e o processo de formação do capitalismo. Os personagens são tratados como chaves de análise para entender (i) o declínio da nobreza no período vitoriano, (ii) a mercantilização da sociedade tendo o suicídio como serviço a venda (iii) e o mundo vitoriano compreendido como mundo burguês. A hipótese sustenta que na elaboração do livro Stevenson levou em conta o declínio da nobreza no período vitoriano. O material de pesquisa manuseado, além de “O Clube dos Suicidas”, compõe-se de fontes secundárias, informações biográficas sobre o autor e obras literárias da época também utilizadas na estruturação do contexto histórico vitoriano trabalhado no artigo.

PALAVRAS CHAVE: O Clube dos Suicidas; Robert Louis Stevenson; Período Vitoriano.

“THE SUICIDE CLUB” IN THE CONTEXT OF THE VICTORIAN PERIOD

ABSTRACT: This article approach historically “The Club of Suicides” written in the 1878 by Robert Louis Stevenson under the context on late Victorian period. It’s examined in the first of its three chapters and analyzed as a historical document and a literary intervention by Stevenson about his time and the formation of capitalism. The characters are interpreted as keys of analysis to understand (i) the decline of nobility in the Victorian period, (ii) a commodification of society relationship to a service for sale (iii) and the Victorian world understood as the bourgeois world. I argument that in the elaboration of the book Stevenson highlights the decline of nobility during Victorian period. The research material, in addition to “The Suicide Club”, includes secondary sources, biographical information about the author and literature about relationship the Victorian historical context.

KEYWORDS: The Suicide Club; Robert Louis Stevenson; Victorian Period.

O PROBLEMA

* É graduado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (1993), mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997) e doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (2002). Atualmente é professor Associado C da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Neste artigo pretendo discutir como a obra “O Clube dos Suicidas”, de Robert Louis Stevenson, abordou a existência decadente da nobreza durante o final do período Vitoriano.

Por período “vitoriano” entendo três coisas: (i) o período de reinado da Rainha Vitória, de 1837 a 1901; (ii) a projeção de uma imagem da Rainha como “um ícone doméstico benigno e melancólico, estimada pela sua reputação impecável, sua felicidade doméstica exemplar abalada pela morte prematura do príncipe Albert, e sua dor incessante e lamentável.” (Gay, 2001, p.29); (iii) a existência de um clima neurótico na sociedade inglesa a partir de 1870, gerado por aguda repressão social e sexual.

Trata-se de uma noção razoavelmente aceita no campo da história, embora seja provisória e imperfeita igual a tantas outras. Neste texto, ela tem por função fornecer um parâmetro para lidar com as experiências da nobreza na última metade do século XIX, uma classe dominante em declínio assim caracterizada na obra de Stevenson. Ao mesmo tempo, tais experiências devem ser manejadas encarando o mundo vitoriano como um mundo burguês que, do ponto da burguesia, vinha se estruturando razoavelmente bem em termos econômicos, sociais e, com menos força, em termos culturais, diga-se de passagem, espelhado na maior e mais cosmopolita das cidades vitorianas, segundo Asa Briggs. (Briggs, 1990)

Cabe ressaltar que a especificidade histórica deste mundo e da noção utilizada para apreendê-lo decorre da ótica de “O Clube dos Suicidas”, tomado como documento histórico e como intervenção literária de Stevenson na realidade “vitoriana” da segunda metade do século XIX. Estes são parâmetros iniciais que orientaram a seleção da bibliografia e a leitura e análise do livro.

PERSONAGENS, HISTÓRIA E CLASSES SOCIAIS NA INGLATERRA VITORIANA DE “O CLUBE DOS SUICIDAS”

“O Clube dos Suicidas” foi publicado em 1878, dividido em três capítulos. O núcleo principal que informa e desenvolve a trama vem primeiro e é intitulado “A história do rapaz com as tortinhas de creme”. Segue um resumo do capítulo.

Florizel, príncipe da Boêmia, acompanhado de seu amigo, Coronel Geraldine, estando os dois em Londres, tinham por hábito se disfarçarem como pessoas comuns para buscar aventuras sob os nomes de Theophilus Godall e Major Alfred

Hammersmith. Numa dessas noites, prostrados num bar, toparam com um jovem oferecendo gratuitamente tortinhas de creme. Os doces recusados eram prontamente comidos pelo rapaz, num gesto que chamou atenção do Príncipe e do Coronel. Interessados nesse modo de passar a noite, eles se aproximaram do rapaz e aceitaram a tortinha ofertada desde que pudessem seguir com ele naquele restante da noite. Depois de muito caminhar de taberna em taberna, o rapaz aceitou convite do Príncipe para jantar (imagino que sem apetite algum), onde se apresentaram formalmente e ouviram a respeito do Clube dos Suicidas. O jovem das tortinhas (que dá nome ao capítulo) lhes contou que integrava um clube frequentado por sujeitos que tinham no suicídio a busca por prazer. Sua entrada no clube havia sido determinada pela ruína financeira, uma vida sustentada por rendas que secaram, e por um amor inviável. O capital que sobrara a ele totalizava quatrocentos libras, apenas cem libras a mais do que a renda costumeira. Rapaz educado, cheio de “talentos varonis”, mas inúteis para fazer dinheiro, ele acelerou o ritmo de seus gastos sobrando com oitenta libras, divididas em duas partes iguais, uma delas para esbanjar até o final daquela noite. A outra parte jogou à rua. Falido, o jovem das tortinhas ensinou ao Príncipe e ao Coronel como acessar o Clube, cuja senha dependia da aprovação do presidente. Uma vez aprovados como membros depois de inquiridos, eles conhecem de fato o propósito e o método do Clube. Cada reunião os integrantes, todos homens jovens, entre 20 e 30 anos, sentavam-se para um jogo de cartas. O ás de paus definia qual sócio iria matar o candidato ao suicídio, e o ás de espadas indicava quem seria morto, o que equivalia a dizer quem iria se suicidar. Aquele método imunizava o suicídio de qualquer suspeita, fazendo-o parecer um acidente. O rapaz das tortinhas, em desagrado, recebeu o ás de paus. Deveria matar o sr. Malthus, o único velho associado ao clube, pessoas que recebeu o ás de espada. No encerramento da reunião, o Príncipe e o Coronel são advertidos pelo agora infeliz rapaz: “Como eu desejo amargamente nunca ter trazido os senhores a este lugar infame. Partam, enquanto têm as mãos limpas”. (Stevenson, 2010, p.52)

De uma ótica historicista é possível perceber Stevenson ajustado à visão de que o suicídio na era Vitoriana não se limitava ao sofrimento da classe trabalhadora diante do advento da industrialização e da urbanização. (Ames, 2011, 144) Ele tampouco assentou o suicídio como uma resposta natural às doenças mentais. Para Stevenson, o suicídio na Inglaterra (centro do capitalismo industrial e financeiro à época) deveria ser pensado também fora dos espaços desses dois fatores.

Pode-se tomar esta abordagem literária como uma novidade. Emile Durkheim, embora trouxesse o tema do suicídio vinculado a fatores sociais desde a década de 1880 (não necessariamente à pobreza nem a desintegração do mundo rural), publicou sua obra “O Suicídio” em 1897. (Durkheim, 1973) Sigmund Freud tratou o desejo de se matar como um sentimento ligado a tristeza profunda, muitas vezes decorrente da incompletude do luto, reflexão registrada em “Luto e Melancolia”, publicada em 1916. (Freud, 1996) Em nenhuma dessas variantes o suicídio seria exclusivamente resultado de determinada doença mental classificada à época como incapacidade mental e alienação.

Foi antes disso que Stevenson desenhou o protagonista do livro, Príncipe Florizel, aristocrata no Império Austro-Húngaro, ao qual pertencia a seu reino, a Boêmia. Coronel Geraldine, seu subalterno, sempre disposto a lhe obedecer por gosto e ordem social, era um mestre dos disfarces e a porta de entrada para o universo das pessoas comuns, veremos, nem tão comuns assim. Viviam num mundo masculino e aborrecido, onde procuravam aventuras para quebrar o marasmo. Neste ponto, Stevenson indaga a masculinidade naquele espaço social dominado por homens ou, o que podemos considerar, a dubiedade de papéis na sociedade Vitoriana conhecedora da (e conhecida pela) repressão aos instintos sexuais e a comportamentos transigentes às regras sociais organizadas numa superestrutura ideológica, médica e jurídica que funcionava para coibir e criminalizar o que fosse interpretado como “excesso”.

Os nomes próprios escolhidos para os personagens principais apontam para uma fina barreira que separava os gêneros masculino e o feminino, e, portanto, a considerar que estavam na Era Vitoriana, se tratava de uma barreira moral, ainda que o príncipe não soubesse disso quando ingressou no Clube dos Suicidas. Stevenson chama os personagens principais de Florizel (flor) e de Geraldine, nomes femininos. Eles são homens solteiros, próximos dos trinta anos e sem filhos. Suas aventuras não se conectam necessariamente às mulheres, ou a esfera da conquista amorosa. A esse respeito, o príncipe e o coronel tomam parte de um modelo simetricamente inverso à vida burguesa. Como boêmios mascarados, sua relação é reversa com a lógica e disposição normal do tempo e do espaço. Vivem a noite, e num terreno social que não lhes pertence. Na visão de Michelle Perrot, personagens como eles levavam “uma vida noturna, sem horários, (...) de intensa sociabilidade tendo como palco a cidade, os salões, bares e avenidas”. (Perrot, 2009, p.274)

Não há dissenso na historiografia sobre a Era Vitoriana de que ela foi um período de aguçadas desigualdades sociais tanto quanto de contradições na dimensão da cultura. A respeito deste último fator, Peter Gay afirmou que Arthur Schnitzler, médico, escritor e amigo de Freud, não partilhava os valores morais e as expectativas de comportamento sexual disseminados em manuais vitorianos, ou a “parte do treinamento moral para os burgueses respeitáveis [que deveria] ser a transformação do desejo inato e selvagem em satisfação civilizada e afável”. (Gay, 2002, p.101) Schnitzler e muitos outros não se guiavam pela bússola vitoriana.

Mas o Príncipe Florizel não tinha a mesma origem nem pertencia a mesma classe social que Arthur Schnitzler. O primeiro tirava seu sustento de rendas, sem depender o próprio suor com seu trabalho. O segundo, apesar de contar com pecúlio do pai judeu e médico, estudou, graduou-se em medicina, concluiu o mestrado em 1885 e trabalhou como médico vinculado ao psiquiatra Theodor Meynert até abrir sua clínica em 1893. Depois disso, pouco a pouco ganhou fama como romancista. Embora se tratar de uma biografia burguesa para quem, ainda que o trabalho não fosse a peça central da vida, dependia dele para viver, ambos partilhavam social e culturalmente muitas experiências da Inglaterra vitoriana. Este fato ajuda a realçar a comparação entre os dois.

Florizel pertencia a nobreza do império Austro-Húngaro. Presume-se que suas posses permitiam viajar toda a Europa e adotar Londres como paragem demorada, centro econômico e financeiro do mundo e forte candidata a disputar a primazia cultural com Berlim, Viena, Paris ou Nova York. Compunha uma classe em declínio principalmente porque, grosso modo, não sabia converter suas riquezas em empreendimentos industriais, no campo ou na cidade, ou liquidar parte de seus bens para torna-los capital financeiro, associar-se a bancos ou a casas de crédito.

Ao mesmo tempo, sua prática perdulária colocava em risco suas propriedades e posses. Aqui se tem por certo que os hábitos de poupança e de atividade produtiva da nobreza no século XIX, vista como uma “classe ociosa”, nunca se acentuaram. Ao contrário disso, Thorstein Veblen observou que naquele contexto o trabalho se “tornava desonrado, uma prova de pobreza”. Além disso, havia diferenças estéticas que separavam os “gentis homens” das demais classes sociais. Seu investimento em boas maneiras era imemorial, uma característica de que não foram talhados para o trabalho. Os gostos refinados e “os hábitos requintados de vida [eram] sinal útil de bom

nascimento, porque a boa educação [requeria] tempo, esforço e dinheiro, estando fora do alcance dos que têm todo o seu tempo e energia ocupados com o trabalho” (Veblen, 1983, p.26-27) é uma descrição que deixa fora poucas experiências, em especial as experiências dos nobres que se dispuseram e conseguiram reciclar no ambiente capitalista.

Ao mesmo tempo, do ponto de vista econômico, onde a nobreza não fora eliminada (na América) ou privada de seus privilégios (França), sua presença declinou visivelmente nos países capitalistas mais desenvolvidos como na Inglaterra. Lá, no período de 1858 a 1879, cerca de quatro quintos dos milionários mortos eram proprietários de terras, e boa parte deles pertenciam a nobreza. Em 1880 até 1889, este percentual caiu para um terço. (Hobsbawm, 1992, p.240-241) Trafegando noutra via, a burguesia daquele tempo não enfrentou grandes dificuldades para se organizar como classe dominante e elite porque pôde utilizar métodos muito semelhantes aos da aristocracia, copiando suas etiquetas sociais sem se descuidar dos negócios. (Hobsbawm, 1992, p.248) De resto, tal foi o contexto geral vivido por Stevenson.

Da conjuntura histórica ao cenário criado para o “Clube dos Suicidas”, a narrativa de Stevenson sublinha a percepção do Príncipe Florizel sobre os dezoito homens presentes no clube na primeira noite em que o visitou. Embora a mobília fosse gasta, sem elegância nem refinamentos, parecia importar mais o fato de os associados conversarem divididos em pequenos grupos, bebendo champanhe e fumando. Pelos ouvidos de Florizel escuta-se que os dezoito sócios tinham “um acordo tácito contra opiniões moralistas” acerca do clube e do quê se fazia nele. Ali, eles expressavam suas teses sobre a morte, suas alegrias e temores. “Comparavam e explicavam suas diferentes opiniões sobre a morte, que alguns declaravam ser apenas escuridão e vazio.” (Stevenson, 2010, pp.38-39) Formavam um quadro composto do ócio tão comum ao cotidiano de Florizel, onde fazer nada era a regra, e isso pareceu deixa-lo à vontade para circular entre eles, mesmo considerando-os, àquela altura, uma “sociedade de maníacos”. À luz do clube, o suicídio (que pode ser considerado ao mesmo tempo um assassinato) eram ali “legalizados como uma ‘matança por misericórdia’” e todos os sócios apostavam ter assim substituído uma vida orientada para um propósito, ambições humanas e a própria luta pela sobrevivência”. (Akgün, 2003, p.181) Para eles a vida parecia obsoleta.

Mas havia justificativa mais elaborada para aquele ato coletivo supostamente desatinado. Dois personagens do elenco de suporte que interagem com o príncipe e o coronel esclarecem a motivação que sustentava o clube. Coronel Geraldine se encontra com o único velho naquele público, frequentador há dois anos e com “sorte extraordinária” porque nenhum jogo tinha ainda lhe marcado com um dos ases do baralho. Se chamava Malthus, tinha quarenta anos, “embora parecesse ter cinquenta.”. Stevenson o descreve repugnante: “nunca pensou ter visto um homem mais naturalmente hediondo, mais estragado por doenças e por emoções perniciosas”. Era pele e osso, “parcialmente paralítico e usava óculos de grau tão forte que os olhos apareciam, através das lentes, aumentados e distorcidos”. (Stevenson, 2010, p.38) É o retrato de um monstro e é ele quem introduz Geraldine naquele mundo. Enquanto o príncipe observava particularmente cada conversa entabulada nos pequenos grupos, ouvindo nada mais do que fragmentos, Geraldine consegue um relato inteiro, cujo conteúdo defendia e justificava a função social do clube.

Malthus (é possível que Stevenson aludiu ao economista Thomas Malthus) opina que aquele lugar é o “templo da embriaguez”. Ao mesmo tempo, sugere que os suicídios eliminavam as pessoas em excesso cujas vidas só teriam razão na morte. Trata-se de uma última indulgência para quem, na condição daqueles jovens sócios do clube, se enxergam levando uma vida de diversão, de desejos realizados. É assim que o Príncipe Florizel se vê e se sente, como um “gentleman que tem dinheiro, mas que não tem habilidade [para ganha-lo], então ele pode levar uma vida de prazer” (Ames, 2011, P.150) e talvez conceder a si uma última excitação devassa.

“Estamos na era das facilidades e vou lhes contar o último requinte”, confia o rapaz das tortinhas. “Temos negócios em lugares diferentes, por isso inventou-se a ferrovia”, e ela “nos separa dos amigos, por isso inventou-se o telégrafo, para que possamos comunicarmo-nos rapidamente através de longas distâncias.”. Continua ele: “Sabemos que a vida é apenas um palco onde representamos o papel de bufões enquanto isso nos diverte. Faltava ao conforto moderno uma facilidade: uma maneira decente e fácil de sairmos do palco; a escada dos fundos para a liberdade”. (Stevenson, 2010, p.27) Ou, conforme Stevenson, “uma porta privativa para a morte”. É um ponto de junção curioso este onde Stevenson faz Malthus e o rapaz das tortinhas se encontrarem, dois homens que buscam a morte planejada sem a pecha do suicídio. Dito

pelo mais jovem dos dois, “para todos os que desejam fugir do laço sem escândalos póstumos, foi criado o Clube dos Suicidas”. (Stevenson, 2010, p.28)

Sarah Ames torna este encontro uma chave sociológica para mensurar o declínio social da nobreza na era Vitoriana à medida que propõe encarar a morte como ela acontece no clube, pelas mãos dos sócios, garantidos o desejo e o sigilo pretendidos: como uma mercadoria de novo tipo. (Ames, 2011) Neste enquadramento, o clube operaria com a lógica capitalista da oferta e da procura.

O presidente e administrador do clube deixaria de ser um criminoso para assumir-se empresário. Stevenson o vê como um comerciante que oferece um serviço especializado. Na prática, ele é um capitalista que organiza uma atividade comercial lucrativa, que vende uma mercadoria extremamente fetichizada em regime de monopólio (cuja concorrência não existia ou era desconhecida). O clube é uma versão racionalizada da atividade comercial. A burocratização que planifica o serviço de modo a oferecê-lo como mercadoria singular é mais uma caracterização capitalista desse negócio. Há protocolos para o consumo: a admissão de pessoas para a categoria de sócios, as reuniões, os horários, o rito da espera na antessala e o apogeu proporcionado pelo serviço na forma do jogo de cartas e dos sentimentos mobilizados que propiciam o prazer comprado e consumido. A necessidade de um contrato assinado sela a racionalidade do serviço. Depois disso, vinham a cobrança e o recebimento do dinheiro. Então, “sem cerimônias [o presidente] levou os dois amigos [Godall e Hammersmith] para o salão de fumar”. (Stevenson, 2010, p.36) Tratava-se de um empreendimento capitalista pensado e construído no período vitoriano.

Os apetites por tal serviço eram selecionados por uma demanda capitalizada, com liquidez disponível para o consumo. Havia outros critérios, como a entrevista, mas o pagamento despendido pela clientela para usufruir do prazer daquele jogo figurava como o principal. Neste sentido, antes da experiência de Florizel e Geraldine com o clube, é possível pensar que Stevenson apresenta o rapaz das tortinhas como um tipo representativo de consumidor.

Stevenson diz que o rapaz herdou uma casa dos pais e uma renda anual de trezentos libras, insuficiente para sozinha lhe sustentar, mas uma fonte segura. Vivia do próprio trabalho desdobrado da “boa educação” paga pelos pais. Tocava violino, flauta e trompa francesa de maneira satisfatória para ser remunerado “na orquestra de um teatro barato”, mas insuficiente para qualquer acúmulo que pudesse ser convertido em capital.

Apesar disso, tentava viver como um burguês. O conhecimento da língua francesa foi bastante para ele gastar dinheiro em Paris e acelerar sua ruína. Em alguma medida podemos considerar o rapaz das tortinhas dentre tantas consciências proletarizadas que se achavam mais próximas a burguesia – ou a nobreza – do que aos trabalhadores não especializados, pauperizados, descritos e analisados por Friedrich Engels em “A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra”, escrito em 1844. O principal dilema e drama identitário social de trabalhadores na condição do rapaz das tortinhas teria sido mencionado também no “Manifesto Comunista”, em 1848, por meio dos sujeitos que não possuem capital, mas se veem como burgueses. Visto em retrato o rapaz das tortinhas é uma figura ambígua e instável porque seu espaço social e seu próprio imaginário ficam numa zona sombreada, entre o proletário e o burguês. Recebe renda, mas não o suficiente para viver dela. Trabalha, mas não tem habilidade eficiente para viver bem do próprio trabalho.

No caso de Florizel, a mercantilização da morte o colocaria, pensado como gentleman, na condição de elite tratando a escolha do suicídio um luxo, um caro e exótico desejo. E como gentleman sequer o trabalho de se matar seria necessário. No jogo de cartas no clube, Stevenson assegura o componente da sorte, tanto para matar quanto para morrer, dois tipos de consumo localizados em pleno progresso do capitalismo na Inglaterra e acessíveis por meio de uma decisão teoricamente fora do escopo da burguesia. Afinal, por que um burguês se mataria senão pela falência financeira ou moral, de onde entraram para a história os suicídios ocorridos na quinta-feira negra de Wall Street? Nem a depressão de 1873 a 1896 gerou um quadro tão crítico como o evento desencadeado em 1929.

Stevenson pode ter retratado a prática do suicídio da nobreza decadente “como um meio de escapar à consciência”. (Benyon-Payne, 2015, p.142) Florizel estava nesta condição até a segunda reunião de que participou no clube, quando foi sorteado com o às de espada. Seu destino parecia determinado. “Reconheceu que seu comportamento tinha sido tolo, criminoso: em perfeita saúde, na flor dos anos, herdeiro de um trono, ele arriscara seu futuro e o de seu país corajoso e leal.”. (Stevenson, 2010, p.53) Tão logo a conferência se desfez, o presidente informou os procedimentos a Florizel. Deveria seguir para o centro da cidade, pela rua Strand, do lado esquerdo da calçada, até encontrar o cavalheiro sorteado com o às de paus. O presidente ainda se despediu com cordialidade: “Tive imenso prazer em conhecê-lo, senhor, e em ter podido prestar-lhe

este humilde serviço. Pelo menos não pode se queixar de demora. Na segunda noite, que sorte!”. (Stevenson, 2010, p.54) Não havia penitência para o príncipe.

Um breve corte articulado. A Era Vitoriana, assim batizada, foi e tem sido revirada historicamente numa série numerosa de temas e questões ligadas, principalmente, à cultura. O alcance da ordem social e sua especificidade sobre as mulheres de distintas classes e países, as cidades e as diferentes formas de se viver nelas, a mentalidade camponesa, a economia e sua financeirização, a moral, a ciência médica. Há nisso uma ideia mais ou menos geral inspirada em obras literárias ficcionais interessadas no universo social e cultural, por vezes tomado como sombrio diante dos costumes consentidos. Pode-se mencionar, à propósito dos temas listados antes, numerosas obras que se vinculam a tais preocupações, mas existe um campo definido de escritos identificado com um tipo específico de crítica sobre o capitalismo na Inglaterra no século XIX ao qual “O Clube dos Suicidas” se insere. A linguagem literária é a do horror e o argumento principal toma, diretamente ou indiretamente, a nova economia e sociedade dos mais abastados por um espírito sombrio. Alinham-se os diversos dos casos de Sherlock Holmes, criados por Conan Doyle, o próprio Stevenson, com Dr. Jekyll e Mr. Hyde, “O retrato de Dorian Gray”, de Oscar Wilde e “The Demon Barber of Fleet Street”, de Thomas Pecket Prest.

Em “Dr. Jekyll e Mr. Hyde”, publicado em 1886, Stevenson aborda novamente a duplicidade da classe média, a hipocrisia e a repressão numa sociedade aparentemente conduzida para a autodestruição presente no enredo de “O Clube dos Suicidas”. (Benyon-Payne, 2015, p.141) Aliás, “O Clube dos Suicidas” pode ser concebido como a antessala para “O médico e o monstro”. Dr. Jekyll personifica um gentleman constrangido com os valores vitorianos empenhado em encontrar uma rota de fuga para si. Mr. Hyde é sua saída por uma porta dos fundos, uma fachada para realizar desejos represados e não realizados. Seu dinheiro e conhecimento compram uma solução provisória, sempre interrompida na impossibilidade de Mr. Hyde, a face do mal, preponderar no corpo do Dr. Jekyll.

A duplicidade deste personagem tem vínculo com o Príncipe Florizel, que se disfarçava para transitar na noite londrina incógnito, sem ser notado e a espera de alguma aventura que o entretece. Sempre mascarava seu rosto adornando-o barbas, bigodes, costeletas e pequenos detalhes que se somavam a roupas de um trabalhador comum, a exemplo de Mr. Hyde, apresentado como um homem da classe trabalhadora

jovem, magro e de estatura baixa. Neste caso, Mr. Hyde pode ser considerado um ideal tipo que atenderia desejos sexuais reprimidos apesar de pequeno. A este respeito, Elaine Showalter argumenta que uma “aparente paixão de Jekyll por Hyde reflete a erotização da classe média alta do final do século XIX por homens da classe trabalhadora tomados como objetos homossexuais ideais.” (Showalter, 2019, p.7)

Pensar Hyde como alegoria permite enxergar outros elementos criticados por Stevenson no contexto histórico da Inglaterra do final do século XIX como a natureza do imperialismo Britânico, conforme sugere Patricia Comotini: “Os desejos de Jekyll são criados pelo que não pode ser explicado na sociedade, levando-o a consumir mais, desejar mais. Seus desejos são indizíveis e, por isto mesmo, realizados por Hyde.” Continua: “A manifestação de Hyde é uma manifestação da vergonha de querer demais: a deformidade inexplicável de Hyde é, metaforicamente, o interesse comercial da Grã-Bretanha no Oriente e as condições sociais opressivas da classe trabalhadora.” (Comotini, 2012, p.126) Este é um ponto que nos mostra até onde se pode estender a perguntas sobre que espécies de intervenção na história expressou Stevenson.

O paralelo entre “O Clube dos Suicidas” e “O Estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde” pode seguir adiante à medida que se coteja Florizel e Dr. Jekyll. O príncipe chega ao clube disfarçado de Theophilus Godall e se arrepende quando sente que se intrometeu em assuntos para os quais não estava preparado. Dr. Jekyll tira a própria vida no final do romance, algo que Florizel consegue evitar. O primeiro é exposto como um degenerado. O segundo escapa deste juízo, mas flerta bastante tempo com práticas moralmente interdidas. O suicídio de Dr. Jekyll é, em grande medida, o reconhecimento desta degradação moral. No caso do príncipe, esquivar-se da morte planejada pode ser interpretado como uma regeneração. Nesta escala, Stevenson aperfeiçoou Florizel e apresentou-o como Dr. Jekyll.

A esposa de Stevenson relata que “Jekyll e Hyde” se originou de um sonho. Fanny Stevenson escreveu isto em carta destinada ao primo e biógrafo de seu marido, dizendo ter testemunhado a manhã quando “Jekyll e Hyde” veio na forma de pesadelo: “Eu acordei com o choro de horror dele. Eu pensei que ele tivera um pesadelo e o acordei. Ele me disse, zangado: ‘Por que você me acordou? Eu estava sonhando um belo conto’.” (Harman, 2005, p.295) É uma história que impressiona e pode ter sido inventada pela esposa para aumentar as vendas do livro, diríamos hoje um recurso de marketing. No desdobramento desta versão esperava-se que os leitores se sentissem

mais excitados com os personagens e o enredo. Certo é que a afirmação de que a história teria saído de um pesadelo sugere que Stevenson não escreveu nem criou conscientemente o que ele definiu como um conto, o que reforçava uma estética do terror conferida ao livro.

É possível creditar alguma verdade a esta versão como uma fonte da narrativa sobre “Jekyll e Hyde”, desde que se pense nela como um tipo de concessão de liberdade literária e estética que serviu para estruturar o livro e para moldar elementos específicos do contexto histórico em que Stevenson estava mergulhado. Se “O médico e o monstro” saiu de seu inconsciente como sonho, fantasia, o fez entrosado à experiência de viver na Londres do sinal do XIX, o que significa dizer que a história de terror foi a forma selecionada para repercutir certa dimensão da alma humana daquele período específico. Por isso também o enredo do livro se assentou na ideia assustadora da existência de dupla personalidade e de experimentações científicas cujas consequências levaram Dr. Jekyll ao suicídio. Stevenson descreveu o médico como um homem de meia-idade refinado, financeiramente próspero e filantropo respeitado na sociedade. Pela via inversa, mostrou Mr. Hyde como seu alter ego, um assassino brutal.

Somou-se a isso o impacto do progresso científico na sociedade e a formação de uma crença de inúmeras situações de flagelo social da sociedade inglesa seriam resolvidos com a intervenção da ciência. É algo bastante documentado na historiografia. Verdadeiro ou não, o alcance prometido das criações e inovações tecnológicas por diversos agentes divulgadores do potencial da ciência na vida das pessoas contribuiu decisivamente para a constituição de um imaginário que corroborava tais promessas. No caso de “Jekyll e Hyde” a narrativa de Stevenson indica o impacto perverso e descontrolado de determinados usos da ciência. No caso de “O Clube dos Suicidas” resta implícita a escolha por aventuras e prazeres fora ou mesmo avessos ao contexto do desenvolvimento da ciência. Em ambos, Londres figurou como contexto de enunciação, evidência de fatores e características comuns na elaboração dessas histórias.

O espectro sombrio de Londres e seus milhões de habitantes se caracteriza por antíteses das prescrições morais vitorianas, como prostitutas, ladrões, viciados e todo tipo de criminosos que habitavam as noites em busca de sustento. Mr. Hyde visitava os mesmos espaços sem, contudo, ver-se apertado pela sobrevivência material. Sua presença ali se justificava por exclusivo prazer. Desenhado para ser pervertido, Hyde é solitário em meio a tantos marginais, ele mesmo o mais complexo e distinto dentre os

criminosos. Neste sentido, Príncipe Florizel e Dr. Jekyll são hipócritas por esconderem seus desejos atrás de Godall e Hyde. Parece ser um padrão de construção destes personagens empregado ou desenvolvido por Stevenson.

Florizel, o príncipe da primeira reunião no clube, “está vivendo em Londres incógnito e tem gosto pela transgressão de seu verdadeiro status social.” (Harman, 2005, p.158) É fascinado pelos aspectos obscuros da natureza humana, mas não explica esta enorme área sombreada argumentando a existência de problemas e desigualdades sociais. Diferentemente disso, Florizel, o príncipe da segunda reunião no clube, assim como Jekyll, é prova de que um gentleman pode soltar-se de um emaranhado de becos de depravação que têm poder de sedução sobre ele. Assim, folheadas juntas, tais obras recorrem ao suicídio para demonstrar que haveria na Inglaterra pessoas das classes médias e altas dispostas a levar seus sentimentos até áreas e terrenos moralmente irregulares como um exercício de prazer.

Pode-se falar também que os objetos de excitação expressos na figura do Dr. Jekyll eram cobiçados no lado obscuro da sociedade vitoriana, ou, em linguagem freudiana, nas áreas de afeto dominadas por impulsos sexuais normativamente proibidos. A liberação e emancipação desses sentimentos implicariam, na versão de Stevenson, no desenvolvimento de uma personalidade adequada às fantasias que ligam as duas obras viabilizadas pelo necessário disfarce para enganar o establishment inglês ou passar impune por ele.

É nesta ordem que “O Clube dos Suicidas” se vincula ao conjunto de dezenas de obras ficcionais, ou de interesse social, que manifestaram visões críticas sobre o establishment inglês e, particularmente, à ascensão do capitalismo e seu poder de devastar modos de viver, afetos e costumes. É também neste contexto que o Príncipe Florizel e o submundo onde busca uma solução para seu tédio compõem uma reação a decadência moral e econômica de sua classe, afinal ele era sucessor de um trono mesmo que igualmente agonizante. O já vazado Império Austro-Húngaro sob o comando de Francisco José, onde cabia a Boêmia, resistia mal aos desdobramentos das Revoluções de 1848 tentando ao máximo da capacidade e dos expedientes de seu imperador prolongar o tempo de uma monarquia que lidava mal com as demandas da burguesia.

Florizel parece se preparar para a escalada final da derrota impingida sobre sua classe social ao tentar compensar este sentimento nas seguidas aventuras na companhia do Coronel Geraldine quando se vê sentenciado à morte com sua própria autorização.

Então ele é posto em situação de recusar moralmente aquele jogo de azar e rearranjar o que imaginava estar fora de lugar. Mas não o faz. Este ponto esclarece como ainda eram funcionais elementos do modo de viver da nobreza. A ideia de honra estabelecida no compromisso assinado com o presidente do clube evidencia contradição entre comportamentos avaliados como típicos da burguesia e da nobreza. É de se pensar que no caso da desistência de um burguês o contrato seria rompido sem levar em conta a honra como fiadora, o que não acontece no caso de Florizel. Sua reação não enxerga qualquer saída daquela aventura sustentada às últimas consequências. Nesta ótica não há solução de crise. O contrato não pode ser desfeito. Não existem tribunais para recurso nem multas para ressarcimento de algum eventual prejuízo. Qualquer mudança no destino de Florizel deveria ser buscada fora do quadro de valores de sua classe. Por isso é Geraldine que vem em seu socorro. O compromisso não o envolvia. Desde o início não aventava nem mesmo o menor sinal de concordância com aquela aventura. Vê-se um desfecho coerente de Stevenson diante das vinculações sociais de cada personagem no contexto da “Era Vitoriana”.

Nos instantes finais na caminhada da Strand, Geraldine pega-o de assalto com a ajuda de três homens e o retira do percurso planejado para o suicídio, enfia-o numa carruagem e o informa que o clube estava cercado. Geraldine o chama de Vossa Alteza, maneira simbólica de restaurar a ordem social e a hierarquia. Florizel está, então, investido de seu poder. Conhece ali a notícia da prisão de seu assassino. Notem: todo o trabalho é feito pelo Coronel Geraldine, seu braço armado. Uma hora depois, “em sua roupagem oficial e ostentando todas as condecorações da Boêmia”, Florizel recebe os sócios do clube. “Homens tolos e perversos!”, é como inicia seu pronunciamento. Ele divide a situação dos sócios em dois tipos, aqueles que foram levados ao suicídio “por falta de dinheiro” e os que carregam algum sentimento de culpa. Aos primeiros, ele remediaria com emprego e remuneração. Aos segundos, recomenda ajustarem-se com “um poder mais alto e mais generoso que o meu”. (Stevenson, 2010, pp.56-57)

Disposto a consertar o que julgava girar fora do eixo o príncipe convocou-os a lhe contar suas histórias no dia seguinte: “quanto mais franqueza usarem, melhor poderei remediar sua infelicidade.” Falava um príncipe ambivalente que, quando disfarçado, escolheu ser conhecido por Theóphilus Godall, nome que aceita tradução do Evangelho de Lucas, e que assume em Stevenson o mesmo significado, uma combinação de Deus (Theo) e seu amigo (filos), algo como “amigo de Deus”. Príncipe

Florizel, o Theóphilus Godall das aventuras em Londres, seria resgatado de seu suicídio no papel de “amigo de Deus”, aquele mesmo que arbitraría sobre as vidas dos sócios do clube e de seu presidente, enredo que se desenrola nas duas últimas partes do livro. De forma semelhante, Coronel Geraldine, que escolhera o nome de Major Alfred “Hammersmith”, o “ferreiro” ou “martelo” do príncipe, subalterno, encarregado e executor de todo o trabalho envolvendo os disfarces e a eleição de lugares e datas para os romances tidos em dupla na obscura Londres. O que pode parecer uma reconciliação com seu mundo, suspenso nas horas de diversão sob disfarces nas noites londrinas, é também a medida de um arrependimento incapaz àquela altura de restituir o lugar social e econômico a nobreza.

CONCLUSÃO

Como muitas outras conclusões esta também é provisória. A importância do primeiro texto de “O Clube dos Suicídios” na análise proposta não se refere a vinculá-lo a movimentos literários de modo a identificar uma classificação funcional às categorias existentes (simbolismo etc.) nem a fazer uma história da obra. O trabalho do historiador deve também mostrar coisa diferente, o que nos levou a interrogar uma visão a respeito da decadência da nobreza no final do período Vitoriano.

Ao mesmo tempo, a dinâmica do trabalho de pesquisa e da sua exposição neste artigo também nos levou a apresentar outra pergunta: Em que medida Stevenson pôde ou conseguiu esclarecer aspectos da história inglesa especificamente sobre um período de rápida escalada do capitalismo?

Marx e Engels escreveram juntos um dos primeiros textos sobre as classes sociais no processo de formação do capitalismo. No “Manifesto Comunista”, preparado em 1847/48, eles sintetizaram a situação do século XIX se referindo à burguesia como classe dominante e ao proletariado como “o produto mais autêntico” da indústria moderna. Completa esta síntese clássica e bastante difundida a presença da “classe perigosa”, vista moralmente pela burguesia e pela aristocracia como a escória da sociedade, as camadas mais baixas do “antigo regime”. Este estrato social, chamado por Marx e Engels de “lumpemproletariado” foi criminalizado pela burguesia e nobreza exatamente por seu caráter social, uma miséria material tornada miséria moral terminantemente perigosa na narrativa das classes dominantes. Esta existência

considerada abjeta precisava ser extirpada por métodos violentos, travestidos de uma pedagogia moral que higienizaria esse lumpemproletariado, redimindo-o para o mundo burguês de modo a transforma-lo numa força de trabalho educada para a vida burguesa, especialmente para o trabalho. Isto funcionou como uma pretensão alinhada ao período vitoriano, mas deve ser tomada também como uma leitura empírica da Inglaterra teorizada por Marx e Engels de acordo com o objetivo de explicar o desenvolvimento histórico do capitalismo e seu desdobramento mais provável conforme ambos pensavam.

Esta é uma visão clássica dominada em grande extensão pelo trabalho historiográfico, mas certamente há muita coisa nas brechas e frestas do grande e pesado eixo que concentra tal explicação tão fundamental. Stevenson conseguiu abrir uma pequena fenda neste eixo que lhe permitiu problematizar que tipo de consequência poderia decorrer num mundo onde a saúde moral podia ser bastante flexível para atender variados apetites culturais (neste caso apetites inconfessos e perigosos) de quem pudesse lograr seu prazer sob disfarces seguros que escondessem, dentre outras coisas, a classe social a que pertenciam. Acredito que este é um dos aspectos importantes em Stevenson para a história do período.

Por último, espero ter salientado a utilidade de explorar “O Clube dos Suicidas” no plano da análise histórica sobre período bastante discutido. Como disse, há obras contemporâneas de Stevenson que podem funcionar como brechas na estrutura social vitoriana e esclarecer pontos relevantes sobre as ligações entre o universo burguês e o declínio da nobreza, o alcance da mercantilização na vida social, o medo relativamente aos impulsos sexuais, tudo isto conduzido por pequenos interrogatórios. Muitos romances desse período têm sido testados à luz da investigação histórica, do estudo sociológico, do interesse antropológico e, obviamente, da crítica literária. É o caso do já mencionado “Dr. Jekyll e Mr. Hyde”, de 1886, também escrito por Stevenson, “Frankenstein”, de 1818, da inglesa Mary Shelley, “Drácula”, de 1897, do irlandês Bram Stoker, e “O Retrato de Dorian Gray”, de 1890, escrito pelo irlandês Oscar Wilde. Trazer narrativas similares a estas para o domínio da História, mantendo ativo seu interesse em explorá-las continuamente e sob diferentes perguntas, pode pautar conexões e comparações entre o ser social de distintos tempos históricos. Não é um roteiro inédito, mas segue sendo promissor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKGÜN, Buket. The Battle of “Good” and Evil in Robert Louis Stevenson’s “The Suicide Club”. In **23rd All-Turkey English Literature Conference**. 24-26 April 2002- Istanbul. Istanbul University, 2003, pp.180-187.
- AMES, Sarah. “The Suicide Club’: afterlives”. In **Journal of Stevenson Studies. Volume 8. The Center for Scottish Studies**. University of Stirling. pp.143-165. 2011.
- BENYON-PAYNE, Danielle M.R. **The Suicide Question in Late-Victorian Gothic Fiction Representations of suicide in their historical, cultural and social contexts**. Thesis submitted for the degree of Doctor of Philosophy at the University of Leicester, 2015.
- BRIGGS, Asa. **Victorian Cities. A brilliant and absorbing history of their development**. London: Penguin Books, 1990.
- COMOTINI, Patricia. The Strange Case of Addiction in Robert Louis Stevenson’s Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde. In **Victorian Review**, Volume 38, Number 1, Spring 2012, pp. 113-131. Published by Johns Hopkins University Press. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/546074/pdf>. Acesso em 10 Dez. 2018.
- DURKHEIM, E. **O Suicídio. Estudo Sociológico**. Lisboa: Editorial Presença, 1973.
- FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. In **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp.245-266.
- GAY, Peter. **O século de Schnitzler**. A formação da cultura da classe média. 1815-1914. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- _____. **Guerras do Prazer**. A Experiência Burguesa. Da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- HARMAN, Claire. **Robert Louis Stevenson. A biography**. London, New York, Toronto e Sydney: Harper Perennial, 2005.
- HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios**. 1875-1914. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- PERROT, Michelle. À margem: solteiros e solitários. In ARIÈS, P; DUBY, G. (org.) **História da Vida Privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. Volume 4. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- PREST, Thomas P. The Demon Barber of Fleet Street. In **The Penny Dreadfuls**. Halcyon Classics Series. (English Edition) s/d. Kindle Version.
- SHOWALTER, Elaine. “**Dr. Jekyll’s Closet**”. 2019. Disponível em: <https://sites.uci.edu/henderson/files/2019/09/Showalter-Jekylls-Closet.pdf>. Acesso 10 jan. 2020.
- STEVENSON, R.L. **O Clube dos Suicidas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- _____. **O médico e o monstro: O estranho caso do dr. Jekyll e sr. Hyde**. São Paulo: Penguin/Cia das Letras, 2015.

VEBLEN, Thorstein. **A Teoria da Classe Ociosa. Um estudo econômico das instituições.** São Paulo: Abril Cultural, 1983.

RECEBIDO EM: 05/06/2020

PARECER DADO EM: 30/11/2020



www.revistafenix.pro.br